

# FALA O ECONOMISTA: O FUTURO.

**Uma conferência do economista Paulo Rabello de Castro, da FGV.**

— Apesar da crise econômico-financeira, o futuro do Brasil está inevitavelmente ligado ao sucesso, desde que haja as pre-condições externas, a principal das quais é a modificação sensível da visão norte-americana do mundo, que carrega consigo muitas novas possibilidades. Sou otimista quanto a elas, mas reticente quanto às turbulências que podem trazer para o ajuste a curto prazo das economias do mundo ocidental — afirmou ontem o economista Paulo Rabello de Castro, redator-chefe da revista *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getúlio Vargas.

Em palestra a empresários, na Câmara Suíça do Comércio e Indústria no Brasil, Rabello falou com cautela do futuro, recordando que “todo futurólogo, assim como o novelista, tem o alibi perfeito de transformar suas fantasias em realidade”. Mas preferiu partir da hipótese da “melhoria contínua do pré-requisito externo”, argumentando que “o Brasil do futuro será em grande parte o que tem sido — não seremos muito melhores nem muito piores”.

## A passagem

O economista afirmou que a década de 80 será a de passagem “dos visíveis para os invisíveis”, ou seja, uma busca do que ficou para trás como a educação, a tecnologia e a administração. “Tudo isso aparece menos do que fábricas ou prédios, mas é importante não confundir com perda de dinamismo. Se

não partirmos para os invisíveis, aí sim teremos problemas futuros.”

Rabello falou da dívida externa, da dívida pública, do déficit público, ressaltando que nosso balanço de pagamentos “é maneável, mas é preciso admitir que a dívida externa vem atingindo um certo limite a partir do qual ela só pode crescer se a economia também crescer”.

Mostrou que a dívida pública interna, em função do Produto Interno Bruto, tende a passar de 7 a 10% nos anos recentes para 15% do PIB em 1982. “Similarmente ao Japão — crescentou — temos o problema de rolar a dívida pública interna.” Recordou que a colocação de títulos é feita para reduzir o déficit de curto prazo e esclareceu que o tamanho do déficit público consolidado é o maior problema atual.

A respeito desse déficit, mencionou revisão tributária e corte seletivo de despesas como necessidades, comentando: “Quase todo mundo tem 10% de gordura”. E afirmou, a seguir: “Tudo enseja uma época de sacrifício, que têm de ser repartidos o mais equanimemente possível. A poupança tem de crescer e o consumo deverá ter crescimento mais lento. A revisão tributária não significa necessariamente aumento da carga, mas distribuir melhor os ônus”.

Retomando esse tema, mais adiante, propôs que “se dê a chance de que a elite possa funcionar,

mas para isso a elite tem que aprender a pagar. Receberá um beliscão e verá como pode colaborar. Isto significa a eliminação do macrossistema de subsídios”.

O economista mostrou que, entre os principais problemas da época recente, estão a tendência para o investimento público excessivo, níveis decrescentes de eficiência, capacidade ociosa e protecionismo na área industrial, necessidades de economia de energia e de fortalecimento da base agrícola. “Não se deve discutir — declarou — se as intenções de aumento de área de plantio são 10% inferiores. Devem ser no mínimo 5 a 10% superiores. Se isto exige financiamento a curto prazo, é o preço a pagar para a paz social”.

O economista da FGV mostrou que, embora políticos, até do partido do governo, condenem o “modelo exportador”, estão falando de algo que não existe: “O Brasil é a terceira economia mais fechada do mundo, sendo superada somente pela China Continental e pela Turquia, países que devem abrir-se. Hoje a economia brasileira talvez seja a mais fechada do mundo. Quando se pede a ampliação do mercado interno, está-se falando de outra coisa, como melhor distribuição de renda. Nós precisamos é aumentar a exportação para aumentar o mercado interno. Se nosso modelo fosse exportador, nós teríamos crédito, e não dívidas”.

Fábio Pahim Jr.